

Curso de Museologia - UFRGS
Exposição Curricular 2017



Porto Alegre,
2017

**CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
BIBLIOTECA**

N897 Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão: exposição curricular 2017 / Curso de Museologia, UFRGS; curadoria, execução e mediação Alahna Santos da Rosa... [et al.] – Porto Alegre: UFRGS, 2017.

32 p. : il.

Orientação: Ana Carolina Gelmini de Faria, Vanessa Barrozo Teixeira.

• Mulher – Catálogos de exposição. I. Rosa, Alahna Santos da. II. Faria, Ana Carolina Gelmini de. III. Teixeira, Vanessa Barrozo.

CDU: 069.538

FICHA TÉCNICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Rui Oppermann
Vice-Reitora: Jane Tutikian
Pró-Reitora de Extensão: Sandra de Deus
Vice Pró-Reitora de Extensão: Cláudia Porcellis Aristimunha

MUSEU DA UFRGS

Diretora: Cláudia Porcellis Aristimunha
Equipe Técnico Científico Cultural
Equipe Infraestrutura

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Karla Maria Müller
Vice-diretora: Ilza Maria Tourinho Girardi
Departamento de Ciências da Informação
Chefe: Jeniffer Alves Cutty
Chefe substituta: Eliane Moro
Comissão de Graduação da Museologia
Coordenador: Eráclito Pereira
Vice-coordenadora: Fernanda Albuquerque

CURADORIA, EXECUÇÃO E MEDIAÇÃO

Alahna Santos Da Rosa
Amália Ferreira Meneghetti
Amarildo Vargas
Andréa Cogan
Camila Ribeiro da Silva
Débora Costa Majewski
Diogo Aguiar Neumann
Gisela Hauberth de Lima
Júlia Maciel Jaeger
Jurema Oliveira Job
Kimberly Terrany Alves Pires
Lourdes Maria Agnes
Lubianca Montagner Weber
Luís Guilherme Ramos Dias Machado
Marcelo Augusto Kich Scheffer
Rossana Klippel de Souza José
Silvana Fernandes de Fraga
Thais Guaragna Morales

Mediadoras

Aldryn Brandt Jaeger
Bárbara Hoch
Ruth Soriano

Orientação

Professora Ana Carolina Gelmini de Faria
Professora Vanessa Barrozo Teixeira

Assessoria Museológica

Elias Palmiror Machado

Projeto Gráfico

Vanessa Vellozo

Ilustradora

Simone Correa Miranda

Revisora de Texto

Elisa Isabel Machado

Monitoria

Patrícia Gabriela Machado Barbosa

Apoio:



AGRADECIMENTOS

Amanda Mensch Eltz
Ana Naiara Malavolta Saupe
Ateliê 1
Bárbara Dalfovo Buffon
Centro Histórico Cultural Santa Casa
Cleide Marli Menezes
Coletivo Feminino Plural
Coletivo Inclusivass
Dafne Marcelle Alves Pires
Daiane Lopez Peixoto
Elci Maria Brauner
Elisa Isabel Machado
FABICO
Gilce Fischer da Silveira
Graça Craidy
Histeria Coletivo Feminista

Incluir
Instituto de Física da UFRGS
José Leopoldo Agnes
Leticia Brandt Bauer
Liga Brasileira de Lésbicas
Lucia Demarchi Lautert
Manolo Silveiro Cachafeiro
Marcelo Antonio Pires
Mariana Calza
Meninas na Ciência
Movimento Feminista e Anticapitalista/Marcha
Mundial das Mulheres
MUSAS
Museu da UFRGS
Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul

Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo
Núcleo Interdisciplinar de Estudos Sobre Mulher e Gênero
ONG THEMIS
Paula Ebert Harsteln
PROREXT
Ramon Alejandro Velaszco
Romildo Feijó da Rosa
Santander Cultural
Simone Correa Miranda
UFRGS
União Brasileira de Mulheres
Vanessa Barrozo Teixeira
...e a todos os professores do curso de Museologia que foram fundamentais à nossa formação!

LIVRO OURO

Aida Teresinha Alves Pires
Aline Dallagnese
Amanda Mensch Eltz
Ana Carolina Gelmini de Faria
Ana Lúcia Koszeniewski
Ana Maria Dalla Zen
Andrea Agnes
Carina Wolff
Carlos André C. Rollsing
Carlos Eugênio Trevi
Carmem Regina Bauer Santos
Celi Teresinha Gasperi
Celia da Silva Ribeiro
Clarice Alves
Daniel Cardoso Vitt
Danielle Bernardes Farias
Denise Walter Xavier
Dulcinéia Borges
Elaine Judith dos Santos
Eráclito Pereira
Fábio Wolff
Fernanda Albuquerque

Fernando Roberto Schaefer
Gilson Baginski
Giulia Votto Totaro
Guilherme Barcellos
Günter Natusch
Izabel Carvalho
Isadora Agnes
Ivaira Ribeiro da Silva
José Henrique Rachewski
José Leopoldo Agnes
Karine Lima da Costa
Lenira Costa dos Santos
Livia Job Benvegno
Luana Peixoto Neumann
Luci da Conceição Coimbra Ferreira
Lucília Coimbra Ferreira
Luis Fernando da Silva Veloso
Maina Guimarães Rymza
Marcelo Antonio Pires
Marcelo Cavalcante da Silveira
Márcia Bertotto
Márcia Breitman

Márcia Cristina Böckler
Marcio Melnitzki
Maria Salete Germann
Mariana Calza
Marilda Coimbra Ferreira
Marisa Montagner Weber
Máximo Simoni
Miriam Moema Loss
Neide Bökler
Nestor Antunes de Magalhães
Nestor Eltz
Neusa da Silva
Nilza Maria Alves
Paulo Santos
Rafael Pinto da Fonseca Antunes
Rejane Klippel de Souza
Renato João Agnes
Rosângela Guaragna
Rosete Klippel de Souza
Sérgio Pimentel
Simone Kranen
Vanessa Barrozo Teixeira

APRESENTAÇÃO

Esta publicação apresenta o trabalho resultante de um processo que durou dezoito meses, envolvendo a turma de 2017 da disciplina de Práticas de Exposições Museológicas, composta por dezoito alunos que desenvolveram a curadoria museológica da exposição curricular *Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão*.

A curadoria compartilhada teve como propostas apresentar ao visitante um outro olhar a respeito do mundo feminino, da representação da mulher na sociedade, das amarras que ainda existem, das lutas coletivas por direitos e igualdade, e, acima de tudo, propor uma reflexão e debate acerca deste tema. O consenso da importância de falar sobre a mulher não vem só do fato da equipe ser composta majoritariamente por 'elas', mas sim, pela necessária mudança cultural relacionada ao lugar e ao 'ser mulher' atualmente em nossa sociedade.

Mesmo sendo um exercício curricular universitário, a atividade foi encarada com muita responsabilidade pelos curadores, principalmente por conta da necessidade de evidenciar essa temática, tão discutida nos dias atuais, mas que não é usualmente trabalhada nos museus.

Múltiplas experiências foram vivenciadas a partir da exposição, algumas impossíveis de serem expressadas em palavras. Ainda assim, compartilharemos parte destas memórias e do processo de aprendizado que buscou valorizar, sobretudo, as relações humanas.

Grupo de curadoria 2017

PROCESSO CRIATIVO



O tema mulher foi selecionado a partir de escolhas realizadas na disciplina de Projeto de Curadoria Expográfica, feitas pelos integrantes que tornaram-se curadores da exposição *Nós Podemos!*. Dentre diversas possibilidades de abordagem, optou-se por valorizar a luta cotidiana das mulheres e os direitos conquistados por elas ao longo de um processo histórico.

O processo de criação deste trabalho deu-se em equipe, de forma que as demandas foram divididas em Grupos de Trabalho (GTs). Assim, os curadores tornaram-se responsáveis por apresentar propostas ao grande grupo e, a cada nova necessidade, as mesmas eram aprimoradas até que fosse alcançado o resultado pretendido por todos.

A MULHER DA SUBMISSÃO À SUBVERSÃO



A partir da seleção de temática e conceitos norteadores, foi preciso determinar uma logomarca e identidade visual que pudesse sintetizar a exposição e também tornar-se um ícone de fácil reconhecimento para o público. Elas estariam presentes em todos os materiais gráficos e comporiam a imagem final do cenário da exposição.

O conceito maior *We Can Do It! – Nós Podemos!* em português – foi determinante para a escolha da logomarca. Utilizou-se o semblante de Rosie – a Rebitadeira, a icônica personagem do cartaz dos anos 1940, sem cor de pele ou traços físicos determinantes, para que todas as mulheres se sentissem representadas. A escolha da imagem também buscava facilitar a identificação da proposta curatorial com o ícone feminista de empoderamento.

Partindo da premissa de que uma exposição é uma produção de conhecimento, para a construção da narrativa expográfica uma extensa pesquisa foi realizada pelos curadores. O objetivo era conhecer o objeto de estudo, proporcionando o embasamento necessário para as tomadas de decisões sobre o que seria apresentado na exposição.

Ao longo do processo criativo, identificou-se que há muita produção realizada acerca do tema. O grupo realizou uma imersão nas diversas produções sobre o ser mulher, a história feminina e os conceitos específicos dessa temática.

A partir do que foi compilado sobre o conhecimento produzido, escolhas foram feitas para moldar a narrativa pretendida pelo grupo. Ao escolher percorrer por um dos caminhos, acabou-se por deixar de abordar todas as nuances de complexidade que o tema propõe.

A concepção conceitual permitiu ao grupo iniciar a materialização do tema e um dos primeiros exercícios foi o planejamento do espaço, a fim de construir um diálogo com o público por meio de núcleos temáticos.

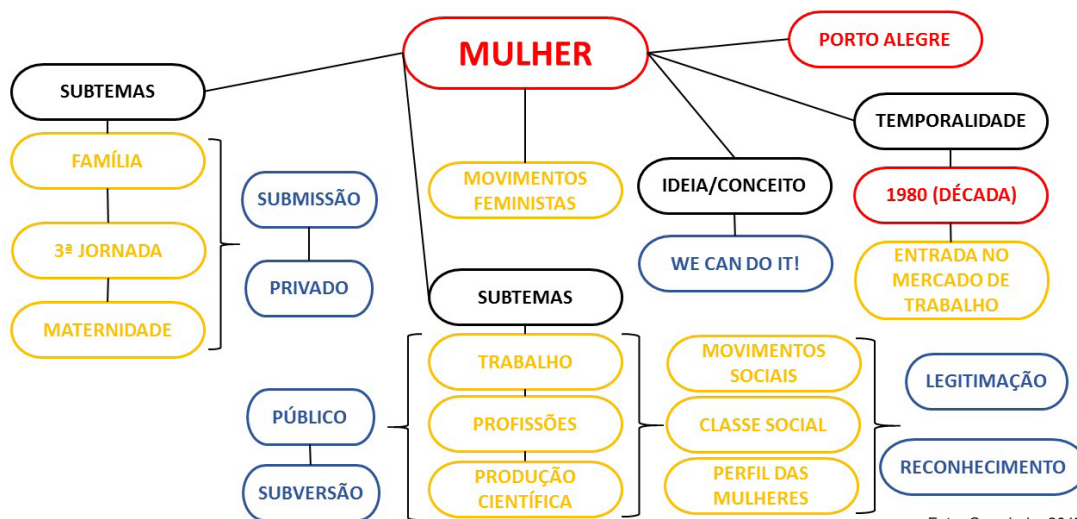


Foto: Curadoria, 2017.

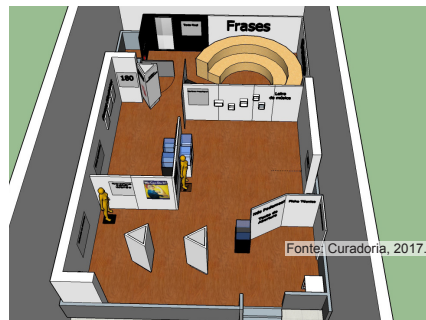
MONTAGEM

A exposição curricular aconteceu no Mezanino do Museu da UFRGS. Em aproximadamente quinze dias ocorreu a montagem da Exposição *Nós Podemos!*, que contou com a parceria de instituições museológicas e pessoas físicas para empréstimos de estruturas e acervos, assim como objetos da memória dos coletivos femininos que apoiaram o projeto.

Conceber o espaço expositivo foi fundamental para a boa fruição da experiência, em que foram consideradas todas as recomendações arquitetônicas universais. O uso dos elementos da identidade visual, mobiliários, iluminação e recursos audiovisuais contribuíram para estimular um debate participativo a partir dos acervos exibidos. Quatro núcleos foram definidos: Soltando as Amarras; Bela, Recatada e do Lar; (Des)Igualdades; e Nós Podemos!.



Foto: Curadoria, 2017.



Fonte: Curadoria, 2017.



Fonte: Curadoria, 2017.



Foto: Curadoria, 2017.



Foto: Ronaldo Milanez, 2017.



Foto: Curadoria, 2017.



Foto: Curadoria, 2017.



Foto: Ronaldo Milanez, 2017.



Foto: Ronaldo Milanez, 2017.



Foto: Curadoria, 2017.



Foto: Ronaldo Milanez, 2017.



Foto: Ronaldo Milanez, 2017.



Foto: Curadoria, 2017.



Foto: Curadoria, 2017.



Foto: Curadoria, 2017.

SOLTANDO AS AMARRAS

O primeiro núcleo, *Soltando as Amarras*, apresentou fatos históricos que marcaram o processo de libertação feminina, possibilitando ao visitante conhecer a história da luta por direitos e igualdade em nível mundial.

Objetos de uso exclusivamente feminino: *sutiã*, *espartilho* e *biquíni*, foram associados aos fatos evidenciados, suscitando discussões sobre os conceitos de submissão e subversão. O espartilho, amarra que por um longo período foi imposta às mulheres, representou as opressões físicas e sociais às quais elas foram submetidas. O sutiã queimado fazia alusão às lutas femininas contra os padrões de beleza e comportamento. O biquíni, peça de poucas amarras, trazia a ideia de libertação e subversão.

A cada visita, a manifestação de diferentes olhares trazia à tona outras percepções acerca desses objetos e fatos, agregando novos sentidos à materialidade e à história feminina.

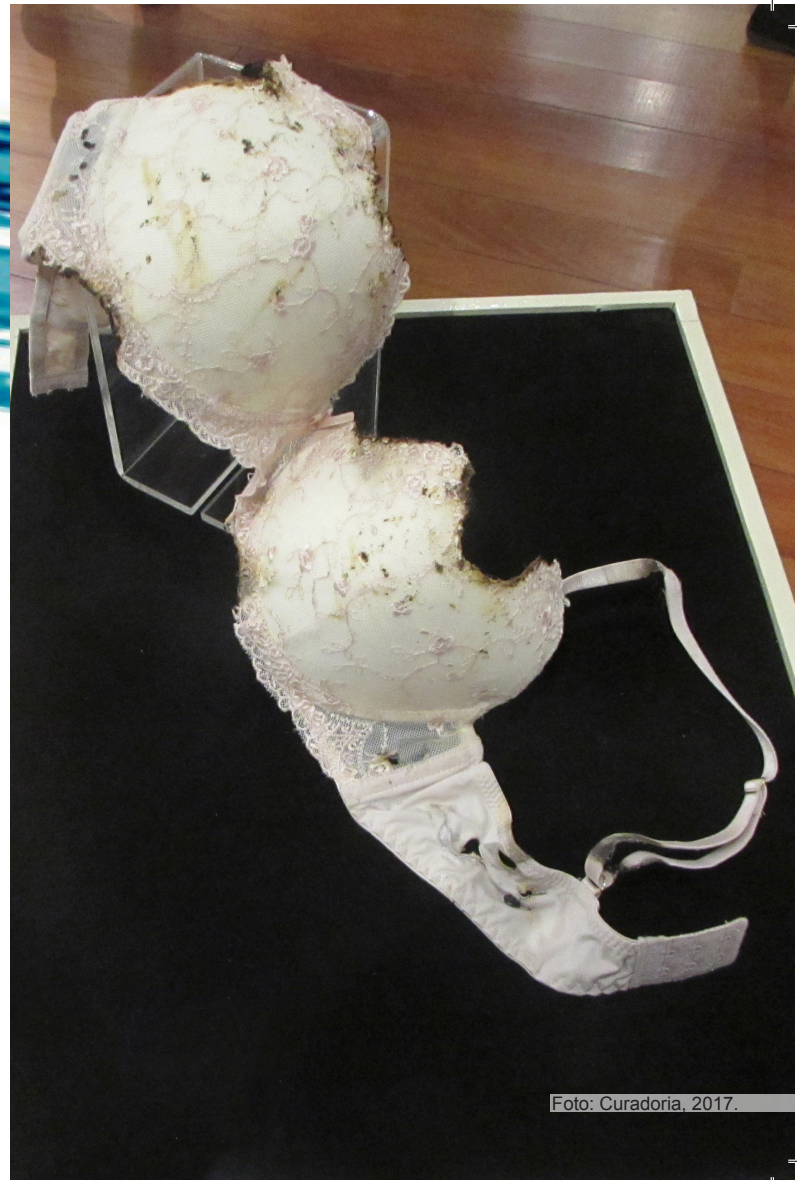


Foto: Curadoria, 2017.

8 DE MARÇO UM DIA DE LUTA



Disponível em: <<http://www.radioculturalfoz.com.br/8-de-marco-conheca-a-historia-do-dia-internacional-da-mulher/>>. Acesso em Mar/2017

Quando ocorre a incorporação da mão-de-obra feminina, em massa, na indústria, as condições de trabalho, insalubres e perigosas, tornam-se motivo de protestos. A greve de tecelãs em 8 de março de 1857, que resultou na morte de 129 trabalhadoras em Nova Iorque, é um marco dessa luta. Em 1975, a ONU instituiu essa data como o Dia Internacional da Mulher.

A QUEIMA DOS SUTIÃS A FOGUEIRA QUE NÃO ACONTECEU



Disponível em: <<http://www.rpr.org/templates/story/story.php?storyid=94240375>>. Acesso em Mar/2017

Conhecida como a Queima de Sutiãs, a tentativa foi um protesto contra a realização do concurso de Miss America e seus padrões de beleza, em 1968, em Atlantic City. A ideia foi incendiária.

O BIQUINI UMA CRIAÇÃO EXPLOSIVA



Disponível em: <<http://www.rjdailynews.com/life-style/history-bikini-gallery/>>. Acesso em Mar/2017

Em 1946, Louis Réard lançou uma coleção de roupas de banho com duas peças ousadas. A dançarina Micheline Bernardini foi paga para usar o modelo. O nome biquini é em razão dos bombardeios atômicos no Atol de Bikini, no Oceano Pacífico, pois sua criação foi tão explosiva quanto uma bomba atômica.

GERAÇÃO DE 1960 LIBERDADE E PRAZER



Disponível em: <http://obvroumag.org/archives/2011/11/10_sexo_em_60.html>. Acesso em Mar/2017

Anticoncepcional. Movimento hippie. Woodstock. Movimento feminista. O conceito de sexualidade alterou-se: o sexo pelo prazer! Uma época marcada por mudanças de comportamentos, liberdade de expressão e sexual.

MULHER E POLÍTICA O DIREITO AO VOTO



Disponível em: <<http://www.editoracontexto.com.br/blog/a-conquista-do-voto-feminino-24-de-fevereiro-de-1932/>>. Acesso em Mar/2017

Em 1893, na Nova Zelândia, pela primeira vez na história, as mulheres têm direito ao voto. No Brasil, esse direito foi garantido em 1932, apenas às mulheres casadas, viúvas e solteiras que tivessem renda própria. Em 1934, essas restrições foram eliminadas.

O DESUSO DO ESPARTILHO UMA REFORMA DO VESTUÁRIO



Disponível em: <<https://www.limecast.com/timeline/history-of-women-s-fashion/>>. Acesso em Mar/2017

O espartilho é um objeto que pode refletir tanto o aprisionamento físico da mulher, pela compressão do corpo, como seu aprisionamento emocional, pelas sensações de sufoco e opressão da liberdade. O seu desuso está intimamente ligado à Primeira Guerra Mundial. Ao assumirem os postos de trabalho, as mulheres precisavam de roupas íntimas mais confortáveis e simples.

**VOCÊ
SABIA ?**

Criado em 1943, a propaganda *We Can Do It!* buscava incentivar as mulheres americanas a trabalhar em fábricas durante a Segunda Guerra Mundial. A personagem fictícia é Rosie, a Rebitadeira, vista como modelo de trabalhadora ideal: leal, eficiente, patriota e bonita. A partir dos anos 1980, este símbolo passou a ser utilizado por grupos feministas para promover e ilustrar a luta por direitos e igualdade.



Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/We_Can_Do_It#/media/File:We_Can_Do_It!.jpg>. Acesso em Jul2017.

BELA, RECATADA E DO LAR

Neste núcleo, foram problematizadas as representações da mulher na sociedade, a partir de objetos de museu e de peças publicitárias.

Ao percorrer museus de Porto Alegre, em busca de objetos sobre as mulheres e suas histórias, foram encontrados com repetição objetos relacionados à beleza e ao cuidado com a casa, assim como nas publicidades antigas, que as representavam sempre bela e feliz, exercendo suas tarefas domésticas, reforçando o estereótipo de mulher “bela, recatada e do lar”. Se fez o questionamento: quais são os objetos que simbolizam a história das mulheres? Onde ficaram as memórias das mulheres da rua, da política, da arte, da ciência e do povo?

Ao fazer um paralelo entre as propagandas antigas e atuais, observou-se que a mulher ainda é expressivamente representada como um mero objeto. A partir das evidências, foi proposta a seguinte reflexão: Qual o lugar da mulher na sociedade atual?





LIVRE DE TODAS AS AMARRAS!

É ONDE ELA QUISER

TEA MULHER NA HISTÓRIA

LEGAL. MAS É A MULHER MEUS JOGOS E DE EU QUE SEJO!

LUGAR de MULHER É NAS RUAS LUTANDO TODA DIA

ME PARANDO

LUGAR de MULHER ONDE

ONDE ESCOLHER VIVENDO QUE ELA QUISER

Na Revolução! VIVA POPUL!

lugar de Mulher? Deu sede

ONDE F

ELA QUISER!

ELA QUISER!

QUANDO EU DIGO NÃO... É NÃO!

Lugar de mulher onde ela er. ipalment labor!

onde ela

EU meus

LUTA EL

ELA REALIZE

ONDE ELA QUISER!

VAI TER BATOM VERMELHO NA MEIO FABRICA

ELA QUISER!

temos que estar onde se sentem Bem!

onde ela se sentir em e feliz

onde ela

EU meus

LUTA EL

onde eu quis

na sua, no bar, no motel! No trabalho, no Sudo...

VOSSA LUTA

onde eu quis

NO LUGAR QUE ELA ESCOLHER!

onde ela

onde ela

onde ela

onde ela

onde eu quis

na sua, no bar, no motel! No trabalho, no Sudo...

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

onde eu quis

VOCÊ SABIA ?

As mulheres trabalham, em média, sete horas e meia a mais que os homens por semana¹ e ganham em média 24% a menos pelo mesmo tipo de atividade². A entrada da mulher no mercado de trabalho impôs a ela diferentes jornadas: na educação, na profissão e na família.

Precisamos romper com as estruturas que insistem em reforçar, desde a infância, que as atividades em casa são destinadas apenas às mulheres. Você faz a sua parte?

¹ Fonte: IPEA/2017

² Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano/ 2015



Foto: Arthur Becker, 2017.

Meu corpo, minhas regras. Essa máxima dos movimentos feministas atuais se materializou nesta parte do núcleo, através de objetos relacionados ao controle da mulher sobre seu corpo, trazendo como exemplos os métodos contraceptivos, o regulador e coletor menstrual, e próteses de silicone.



Foto: Curadoria, 2017.

REGULADOR MENSTRUAL - A SAÚDE DA MULHER, 2012
Acervo do Museu de História da Medicina
[Doação de Gláucia Lixinski de Lima Kulzer]



Foto: Curadoria, 2017.

COLETOR MENSTRUAL - FLEURITY, 2017



Foto: Curadoria, 2017.

PRÓTESES DE SILICONE
Década de 1970 e 2015
Acervo do Museu de História da Medicina
[Doação de Celso Tregnago Ferreira]



Foto: Curadoria, 2017.

ANTICONCEPCIONAIS FEMININOS
Diversas marcas, [sem data]



Foto: Curadoria, 2017.

DIAPHRAGMA - RAMA
Década de 1970
Acervo do Museu de História da Medicina
[Doação de Oscar Glusman]



Foto: Curadoria, 2017.

PRESERVATIVOS MASCULINOS E FEMININOS
Diversas marcas, [sem data]

(DES) IGUALDADES

A violência contra a mulher e a desigualdade de gênero marcam a história feminina. Assédios, feminicídios, abortos ilegais e estupros são divulgados pela mídia diariamente. As obras da artista Graça Craidy, que foram pintadas a partir de fotos de mulheres agredidas, materializavam os dados desta violência. A composição de frases machistas ao redor dos quadros demonstrou que a violência não é apenas a física, e que muitas expressões ditas e ouvidas no cotidiano limitam, julgam e rotulam as mulheres.



COLEÇÃO LIVRAI-NOS DO MAL

Artista Graça Craidy, 2015-2016
Sobre as cinco violências apontadas pela Lei Maria da Penha:
física, psicológica, sexual, moral e patrimonial.
Acrílica sobre tela - 60x40cm

ALGUNS NÚMEROS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

ESTUPRO



A cada **1 hora**, em torno de **6 mulheres** são estupradas (IPEA e FBSP).



A cada **6 horas**, aproximadamente, **1 mulher** é estuprada (SSP/RS).

FEMINICÍDIO



Aproximadamente, a cada **2 horas**, **1 mulher** é assassinada (IPEA e FPSP).



A cada **4 dias**, **1 mulher** é assassinada. Foram registrados 96 casos no ano de 2016 (SSP/RS).

AGRESSÃO



A cada **1 dia**, **3.600 mulheres** são espancadas (IPEA e FBSP).

Em **80%** dos casos o agressor tem **vínculo afetivo** com a vítima (MAPA DA VIOLÊNCIA, 2016).



A cada **1 dia**, **72 mulheres** são espancadas (RELATÓRIO LILÁS, 2014).

Em **70%** dos casos o agressor tem **vínculo afetivo** com a vítima (SSP/RS).

ABORTO



A cada **1 hora**, aproximadamente **83 mulheres** fazem aborto no Brasil. Ocorre mais de um aborto por minuto! A condição arriscada, principalmente pela clandestinidade, resulta na morte de **1 mulher** a cada **2 dias** (OMS).

A PARTIR DAS ESTATÍSTICAS, ATÉ O FINAL DESTA EXPOSIÇÃO (38 DIAS)

ESTUPRO



Cerca de **5.472 mulheres** serão estupradas.



Cerca de **152 mulheres** serão estupradas.

FEMINICÍDIO



Aproximadamente **456 mulheres** serão vítimas de feminicídio.



Aproximadamente **10 mulheres** serão vítimas de feminicídio.

AGRESSÃO



Em torno de **136.800 mulheres** serão espancadas. Corresponde aproximadamente à população da cidade de Sapucaia do Sul ou Santa Cruz do Sul (IBGE, 2016).



Em torno de **2.736 mulheres** serão espancadas. Quase o número correspondente à população do bairro Lami em Porto Alegre (IBGE, 2010).

ABORTO



76.000 mulheres farão aborto. Dessas, **19 mulheres** morrerão pelo procedimento.

**O QUE É NECESSÁRIO PARA REVERTER
ESTES FUTUROS ÍNDICES?**

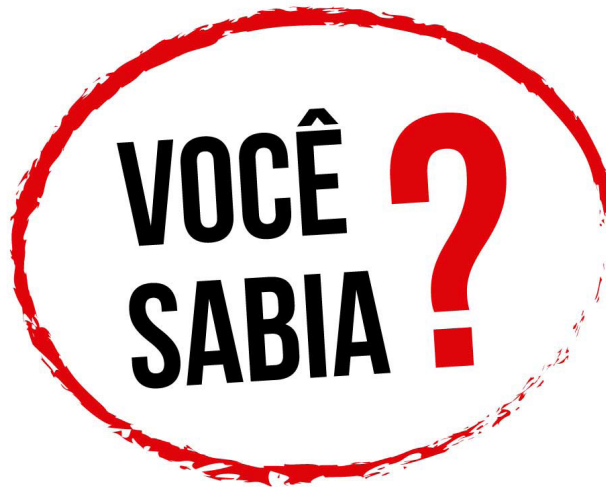
ESSES SÃO APENAS OS DADOS OFICIALIZADOS

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NÃO É ALGO NATURAL! 21

As lutas femininas, que há muito tempo estão organizadas, ganharam mais força e visibilidade nos últimos anos. Cada vez mais as mulheres não se calam diante da violência e da desigualdade de gênero, e se unem para reagir contra as diferentes manifestações de violências: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. Os coletivos femininos, para além de um espaço de luta, tornam-se um local de acolhimento e sociabilidade entre mulheres, onde a sororidade¹ se faz presente.

¹Pacto de irmandade entre mulheres.





Você sabia que é possível denunciar a violência contra a mulher discando apenas três números no seu telefone? A Central Ligue 180 teve sua criação em 2005. Em 2014, assumiu a atribuição de disque denúncia, acumulando também funções de acolhimento e orientação de mulheres em situação de violência.

A ligação é gratuita, disponível 24 horas, todos os dias da semana.

NÃO SE CALE! LIGUE 180!

NÓS PODEMOS!

Neste núcleo, os visitantes foram convidados a se unirem à luta pela igualdade de gênero. Ao lado do texto final, camisas jeans e bandanas em póá vermelho e branco convidavam o público a se caracterizarem como Rosie - a Rebitadeira e nesse gesto, ao se verem refletidos, aderirem, simbolicamente, à luta feminina.

Diversas fotos foram tiradas em frente ao totem com a logo do cartaz *We can do it!*, traduzido para o português, *Nós Podemos!*. Esse espaço de interação proporcionou momentos de descontração com o público e se tornou uma estratégia de comunicação a partir do uso da #nospodemos.





EDUCATIVO



A fim de proporcionar ao visitante um ambiente em que pudesse conversar em grupo, realizar as atividades educativas propostas e refletir mais sobre o assunto, o núcleo final da exposição contou com um *Espaço Educativo* com ilustrações e frases feministas (arte de Simone Miranda), com vídeos sobre a desigualdade de gênero e empoderamento feminino, e com a atividade da Linha do Tempo - Conquistas Femininas.

Desde o início de sua concepção os alunos curadores tiveram uma grande preocupação com as atividades educativas, que acompanhariam a exposição curricular e promoveriam uma maior interação com o público. Para além do espaço do museu, a programação educativo-cultural promoveu um cine-debate com documentários do Coletivo Feminino Plural e uma mesa redonda composta por representantes de grupos e organizações de mulheres, sendo elas: Meninas na Ciência, Mulheres na Universidade e na Saúde (MUSAS), ONG Themis e Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher.



COMUNICAÇÃO



Foto: Curadoria, 2017.

A divulgação foi feita, majoritariamente, pela internet. As redes sociais auxiliaram na disseminação de informações relacionadas à exposição. Além das notícias veiculadas pelas páginas do Museu da UFRGS, foi criada uma página no *Flickr* e um perfil no *Instagram* (@nospodemos2017), onde foram disponibilizadas as fotos tiradas no totem *Nós Podemos!*. A participação da exposição nos eventos UFRGS Portas Abertas, Noite dos Museus e Semana Nacional de Museus de 2017 potencializou a divulgação informal (“boca a boca”) repercutindo em mais de 2.300 visitantes.

O sucesso da Exposição Curricular *Nós Podemos!* resultou em quatro entrevistas sobre o processo de trabalho e muitos convites para torná-la itinerante. As entrevistas foram veiculadas pela Rádio UFRGS, nos programas Extensão em Foco e ADURGS-Sindical e no site da PROEXT/UFRGS. Além destas, também no programa Estação Cultura, da TVE. Alunos curadores foram convidados a apresentar a exposição em outras instituições, a exemplo do Instituto Federal de Sapucaia do Sul e do Colégio Marista Champagnat.

ACESSIBILIDADE

Aprofundando a relação entre acessibilidade, autonomia e acervos, ações específicas foram executadas com a escolha de estratégias acessíveis. Entre as iniciativas, destacam-se as parcerias com o INCLUIR - Núcleo de Inclusão e Acessibilidade da UFRGS e com o Ateliê Um. Da parceria com o INCLUIR, foi realizada a impressão de quatro livretos, dois em braille e dois em fonte ampliada dos textos expositivos. Já com o Ateliê Um, o artista Ramón Alejandro Ruíz Velazco fez uma escultura tátil do quadro *We can do it!*.

Além destes, foram disponibilizados objetos para toque, tais como sutiã queimado, coletor menstrual, camisinhas feminina e masculina e miniaturas em *biscuit* do biquíni e de uma prótese de silicone, possibilitando a interação com todos os públicos.

Ainda contando com o INCLUIR, foi disponibilizado atendimento de tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS, mediante agendamento prévio, assegurando assim o direito linguístico e acessibilidade aos surdos.



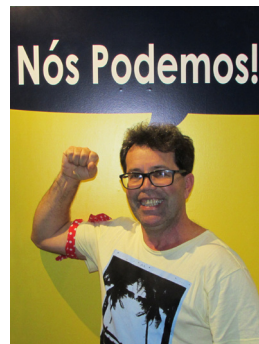
Foto: Curadoria, 2017.



Alahna Rosa - Curadora



Amália Meneghetti - Curadora



Amarildo Vargas - Curador



Andréa Cogan - Curadora



Julia Jaeger - Curadora



Jurema Job - Curadora



Kimberly Pires - Curadora



Lourdes Agnes - Curadora



Lubianca Weber - Curadora



Patrícia Gabriela Machado - Monitora



Aldryn Jaeger - Mediadora



Barbara Hoch - Mediadora



Ruth Soriano - Mediadora



Camila Ribeiro - Curadora



Debora Majewski - Curadora



Diogo Neumann - Curador



Gisela Hauberth - Curadora



Luís Guilherme Dias - Curador



Marcelo Scheffer - Curador



Rossana Klippel - Curadora



Silvana Fraga - Curadora



Thais Morales - Curadora



Vanessa Velozo - Projeto Gráfico



Elias Machado - Museólogo



Carol Gelmini - Professora



Vanessa Teixeira - Professora



Foto: Arthur Becker, 2017.